



A VIDA E O COTIDIANO DOS NEGROS AFRICANOS NOS NAVIOS NEGRIEROS

Suely Araújo de Souza; Larisse Santos Bernardo; Rosenilda Ramalho.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Suely_souza94@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende compartilhar da experiência vivenciada em sala de aula, que se deu através de uma intervenção aplicada no 2º Ano do Ensino Médio, no Centro Educacional José Augusto – CEJA, por duas graduandas de História Licenciatura que fazem parte do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que busca discutir a atuação e o desenvolvimento posto em sala de aula nesta experiência, como também se pretende pensar este trabalho desde os primeiros passos que nos levou a escolha do conteúdo, as nossas discussões ao programar qual seria a melhor forma de trabalhar o conteúdo, qual metodologia cabia nesta aula, como se deu desenvolvimento em sala de aula, se objetivos esperados foram alcançados, como também fazer uma análise da aula desenvolvida com base no que foi trabalhado com os alunos. Partiremos então, a partir do conteúdo “O cotidiano do Navio Negreiro”, que foi trabalhado através dos objetivos elencados, os quais eram discutir com eles a vinda dos negros africanos para a colônia brasileira e o processo em que passavam até chegar a destino final, problematizar o tratamento destinado a estes escravos, ainda dentro dos navios e analisar o cotidiano dentro dos navios. Como metodologia, utilizamos documentários que pudessem nos ajudar com o desenvolvimento da aula.

Experiências de uma intervenção, Prática docente, PIBID, Análise da Intervenção, Metodologias.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade compartilhar uma experiência vivida em sala de aula por nós graduandas do curso de História, enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), numa turma de 2º ano do ensino médio no Centro Educacional José Augusto, localizada na cidade de Caicó/RN.

O planejamento da nossa atuação nas escolas se dá através de reuniões semanais ministradas pelos coordenadores do programa e com a presença dos outros 30 bolsistas contemplados pelo projeto, onde discutimos pautas relacionadas ao projeto em si, assuntos que vão desde a elaboração das oficinas, até os resultados obtidos pelas mesmas, a participação em eventos, as produções acadêmicas, etc. Através dessas reuniões somos acompanhados por nossos coordenadores, como forma de garantir um bom funcionamento do programa. No início das atividades de cada semestre somos divididos em grupos de no mínimo seis pessoas e esses grupos por sua vez, são distribuídos entre as escolas contempladas pelo programa, para facilitar e melhorar nosso trabalho. Uma vez nas escolas, somos acompanhados pelos professores que atuam na rede de ensino básico, supervisores do programa e formulamos juntos um plano de atuação. Com eles determinamos os temas que serão trabalhados nas oficinas e realizamos a leitura de textos sobre ensino de história.

Com os temas em mãos, partimos para reuniões do grupo de bolsistas para a confecção dos planos de aula e discussão dos conteúdos, metodologias e recursos que serão trabalhados com os alunos e construímos um cronograma contendo as atividades que serão cumpridas pelo grupo ao longo do semestre. Um dos nossos objetivos básicos e sempre buscar introduzir na sala de aula metodologias e recursos didáticos diversificados, que por sua vez estão sendo muito discutidas no meio acadêmico e na atualidade, como forma de chamar a atenção do aluno para os conteúdos abordados e incitar a sua participação na aula despertando seu gosto pela História através de



métodos que se aproximam da realidade do mesmo. Assim, procuramos nos desprender dos métodos tradicionais utilizados. Utilizamos aqui o termo tradicional não no sentido de desmerecer o trabalho do professor titular, pois entendemos que eles, assim como nós, não trabalham com uma só turma nem dispõem da mesma quantidade de tempo.

Após esse processo inicial do planejamento e preparação, apresentamos para os nossos coordenadores o que decidimos em nossas discussões de grupo, preocupados com a clareza dos conteúdos, com as escolhas dos métodos e com a seriedade do nosso trabalho. Visando uma aula bem elaborada e que apresente cuidado na explanação dos temas, sugerimos nessas apresentações a interferência dos coordenadores, eles por sua vez, vão sugerindo modificações nos planos e bibliografias como complementação para que no final obtenhamos bons resultados.

Dentre os objetivos da intervenção, destacamos, analisar como se fazia concretamente o transporte dos seres humanos nos navios negreiros. Discutir a vinda dos negros africanos para a colônia brasileira e o processo em que passavam até chegar ao destino final; problematizar o tratamento destinado a estes escravos, ainda dentro dos navios; como se dava o processo de captura, compra e venda dos escravos e analisar o cotidiano dentro dos navios. E nesse trabalho, objetivamos compartilhar nossa experiência no programa e nossa atuação nas escolas.

O trabalho torna-se relevante, à medida que introduzimos na sala-de-aula um tema pouco abordado nos livros didáticos, mas que é de suma importância para se entender as condições que estavam submetidos os negros africanos, durante o período da escravidão. O lugar social dessa população. E ainda a possibilidade de compartilhar com a comunidade acadêmica, a metodologia empregada, a preparação para a aula e os resultados obtidos.

METODOLOGIA



Iniciamos a aula partindo primeiramente com um levantamento do conhecimento prévio dos alunos, incitando-os a levantar hipóteses para explicar como se dava essa vinda massiva de escravos africanos para as Américas, como forma de começar a introduzir o conteúdo. Em seguida, explanamos o conteúdo proposto, buscando sempre estimular a participação dos alunos, visando uma melhor compreensão. Após esse primeiro momento, exibimos para os alunos um pequeno trecho de um documentário intitulado “Navio Negreiro”, que mostrava desde a vinda dos negros africanos até sua chegada ao local de destino. Concluindo este documentário, promovemos juntos a leitura do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves e logo após empreendemos uma discussão do mesmo através das falas dos alunos, questionando-os e problematizando-os.

Discussão acerca da intervenção

No dia 25 de agosto, data marcada para a intervenção que pretendemos relatar aqui, chegamos cedo à escola para preparar a sala com os nossos materiais e nos organizar. Também conversamos com alguns dos alunos que já estavam na sala, esperando o início de nossas atividades, eles relataram que gostam da nossa presença, por que as aulas se tornam mais divertidas e diferentes do que vivenciam todo dia na sala de aula.

A professora estava trabalhando o período colonial brasileiro e havia sugerido que trabalhássemos com o tema relacionado à escravidão africana aqui no Brasil. A partir disso resolvemos trabalhar com a questão do tráfico negreiro, especificamente o processo de retirada dos negros do continente africano e seu transporte até a chegada deles em terras brasileiras nos tombeiros. Ou seja, visualizando esse período da história brasileira buscaremos problematizar como se comportavam os navios que vinham carregados de escravos da costa da África Atlântica, passando por Portugal, Holanda, Inglaterra, França, Dinamarca e mais tarde, chegando ao Brasil.



Os objetivos eram como já foi dito analisar, no geral, como se fazia concretamente o transporte de seres humanos. As condições que eram impostas durante esse transporte, o tratamento destinado aos negros dentro desses navios e como se davam os processos de captura, compra e venda dos mesmos.

Iniciamos a aula partindo primeiramente de um levantamento do conhecimento prévio dos alunos, na tentativa de aproximá-los da aula e de causar uma descontração nesse primeiro momento. Incitamos-os a levantar hipóteses para explicar como se dava essa vinda massiva de escravos africanos para as Américas. Em seguida, fizemos uma pequena introdução do conteúdo proposto, para que assim haja uma melhor compreensão dos alunos, pequena, pois estávamos dispendo de apenas 90 minutos e ainda iríamos atrelar a explanação do tema a exibição de trecho de um documentário e a leitura de um poema. Após esse primeiro momento de apresentação do tema, exibimos para os alunos o pequeno trecho do documentário intitulado “Navio Negreiro”, que dramatiza o processo da vinda dos negros africanos pelo mar, fazendo uma navegação de cabotagem até sua chegada ao local de destino, numa viagem que ficou conhecida como “o vestibulo da loucura”. Para nós o uso do documentário serviu para dá credibilidade ao que já havíamos explanado.

O documentário viabilizou a discussão sobre vários aspectos da aula, a captura no país de origem, que muitas vezes se dava com a ajuda dos próprios africanos que vendiam negros de outras tribos capturados em guerra, ou presos por escravidão doméstica. As más condições de vida dentro do próprio navio, a insalubridade, a alimentação precária, doenças geradas pela umidade e falta de sol nos porões dos navios, a superlotação, os maus tratos, a violência, o tratamento destinado aos mortos que eram jogados ao mar. E após sua chegada aqui, com eram expostos e vendidos. Sabe-se que para ressaltar seus músculos, os negros eram ungidos com óleo, pois uma das formas de avaliar seu preço era de acordo com seu porte físico. Também seriam



avaliados pela sua arcada dentária, idade e disposição para trabalhos, que variavam entre pesados e mais leves.

Concluída a exibição do documentário, fizemos junto aos alunos uma leitura compartilhada de trecho do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves e em seguida discutimos o mesmo através das falas dos alunos, problematizando-o.

Por fim, com exercício de fixação, explicamos para os alunos o que era um diário de bordo e como ele pode servir de fonte para nós historiadores e propomos que os mesmos confeccionassem seu próprio Diário de Bordo da viagem que o navio de Castro Alves fez. Ou seja, que eles se imaginassem dentro de um desses navios e partissem do que foi discutido na aula e do documentário para a realização dessa atividade.

O poema oferecia algumas pistas textuais de como foi à viagem. Era preciso que eles retomassem a discussão do início da aula sobre as rotas utilizadas pelos mercadores de escravos, calcular o tempo em média que gastavam nas viagens. Essas informações seriam importantes no momento de redigirem o diário de bordo. Nele poderiam ser acrescentados desenhos, recortes, enfim, o que a imaginação mandasse. Foi sugerida que a elaboração do diário fosse feita em grupo. Pois, assim ficaria mais fácil a elaboração do mesmo.

A correção foi feita coletivamente. Organizamos a turma em círculo para que cada grupo apresentasse seu diário para os demais. Assim, verificaríamos também a fluência e a entonação da leitura oral. Os outros poderiam apontar o que deveria ser modificado e o grupo que escreveu, registraria as sugestões para uma revisão posterior.

A aula foi muito bem recebida pelos alunos, percebemos uma certa indignação deles com relação ao tratamento destinado aos escravos africanos. Algumas cenas do documentário tocaram bastante os alunos, o mesmo gerou vários questionamentos e conseqüentemente a participação e o envolvimento dos alunos. A ideia do diário de bordo os deixou bastante animados, por se colocarem como personagens da história.



No final da aula percebemos que colhemos bons frutos.

Um dos problemas observados por nós foi o recorrente uso do celular na sala de aula, pois precisamos chamar a atenção de uma determinada aluna várias vezes, uma vez que sua atenção estava sendo redirecionada ao aparelho. Foi um problema principalmente por que não faz parte da política da referida escola a proibição do uso do celular. Detectamos mais um problema durante a correção dos trabalhos, pois de acordo com alguns deles os alunos possuem certa dificuldade de apreensão dos conteúdos, uma dificuldade também em se concentrar nas aulas.



RESULTADOS OBTIDOS

Como resultados obtidos, tivemos trechos de cartas produzidas pelos alunos que se puseram e pensaram como estes negros eram tratados nos navio negreiros. Então, aqui são alguns dos trechos dos trabalhos feitos pelos alunos do 2º Ano.

Trecho I

“Juntamente com os escravos, embarcamos da África em destino a América do Sul. Tínhamos em mercadoria 100 escravos. Atravessando o Oceano Atlântico, perdemos 10 escravos por doenças infecciosas causadas por proliferação de bactérias no navio pela umidade e falta de higiene, e muitas vezes pelo Banzo. Muitos escravos não conseguiam aguentar a pressão, causando doenças psicológicas e neurocomportamentais levando-os ao suicídio. Ao passar sete meses embarcados em alto mar chegamos ao local destinado no Brasil (América do Sul). Vale ressaltar que, a alimentação era pouca muitas vezes não dava para todos. Eles comiam em cativeiro, e não utilizava recipientes, era na mão. O dia-a-dia não era muito fácil, eles tinham apenas o banho de mar e suas danças obrigatórias. Na nossa chegada, percebemos que tinha muitos compradores, preparamos os escravos para negociarmos no leilão com óleo para chamar mais atenção. Promovemos uma promoção, quem pegasse um escravo jovem, levava uma criança ou um idoso pela metade do preço. Estamos muito felizes com as nossas vendas, pois vendemos todos os escravos, e com isso finalizo o meu diário. (Autores: Fátima Soares, Higor Breno, Renata Raquel, Sovita Alves).”

Trecho II

“Primeiramente nosso navio saiu da parte Norte da África, lá ele fez uma parada para recolher vários negros, depois nós passamos por mais pontos para pegar o retante”. (...) “Os negros eram escolhidos como se fossem animais, pelo seu porte físico, pela



saúde e seus dentes.”

“Essa viagem durou em média uns quatro meses, nesse período as comidas por serem vegetais e frutas frescas, não tinham como durar a viagem toda. Mais ou menos umas 8:00 horas os tripulantes brancos davam como se fosse um banho nos escravos negros logo após se alimentavam pela primeira vez. A segunda era só às 4:00 horas para ir dormir. E eles passavam o tempo em lugares frios e úmidos.” (Autores: Carlos Germano de Lucena Brito, Willian Cesário Antunes de Sousa).

Trecho III

“Passavam pela África para buscar escravos que seriam vendidos para poderosos senhores, passávamos na primeira cidade para pegar de 10 a 15 negros, a cada dois chegávamos em uma cidade para pegar escravos. Após passarmos por 6 cidades, o navio estava repleto de mulheres, homens e crianças.

Viajávamos por um longo tempo, para manter os escravos, tínhamos que alimentá-los, nós dávamos comida 8h da manhã, muitos morriam de banzo, uma doença psicológica que os matava de solidão, nem todos eles eram alimentados, algum tentavam roubar a comida dos outros.

No navio tinham muitas crianças de 1 a 2 anos e suas mães preocupadas om seu futuro, muitos eram castigados por sua rebeldia, um até pulavam e morriam afogados no mar, pois não aceitavam as condições do navio, chegamos a cidade, passamos um óleo em cada um dos escravos, pra os compradores analisarem, depois levados para a fazenda para trabalharem.” (Luciele Dinara, Fernanda Gabriele, Marcos Magnum, Francinael Fidelis).

CONCLUSÃO

Dessa forma concluímos que mesmo com todo o acompanhamento que temos no



PIBID, com todo o referencial teórico apreendido na universidade, como todo o aparato de novos recursos e métodos, não temos garantia de uma aula produtiva. Para ensinar história não basta apenas à apropriação de conteúdos históricos pelos professores eles não garantem a aprendizagem dos alunos. Nossos objetivos durante uma aula podem ser alcançados ou não. Não há respostas prontas e nem uma receita a se seguir. E o professor sempre deve estar pronto para um plano “b”.

Nesse caso específico, podemos dizer que em parte nosso objetivo foi alcançado, à medida que houve também trabalhos bons. Procuramos dar sentido ao tema abordado à medida que o aproximamos do alunado e trabalhamos de uma forma criativa tentando contribuir com o envolvimento deles na aula. A confecção do diário de bordo não pretendia fugir do rigor intelectual, mas, levar em conta o universo da criança.

REFERÊNCIAS:

PRIORE, Mary Del, VENÂNCIO, Renato Pinto. Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SANTANA, Miriam Ilza. Tráfico Negreiro. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/trafico-negreiro/>>. Acesso em: 20 de ago. 2014.

NAVIO NEGREIRO - TRÁFICO DE AFRICANOS PARA AS AMÉRICAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4GPICBDdb87M>. Acesso em: 20/08/2014 às 17:h e 30 min